

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE LITORAL NORTE/OSÓRIO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA: LICENCIATURA**

MICHELE MONIQUE MORAES DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO E AS INTER-
RELAÇÕES ENTRE ALUNOS E PROFESSORES**

**OSÓRIO
2021**

MICHELE MONIQUE MORAES DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO E AS INTER-
RELAÇÕES ENTRE ALUNOS E PROFESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção de título de Licenciada do Curso de Pedagogia - Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Prof^a. M^a. Dolores Schussler.

OSÓRIO

2021

Catálogo de Publicação na Fonte

Catálogo de Publicação na Fonte

| | |
|-------|---|
| S586a | <p>Silva, Michele Monique Moraes da.</p> <p>Alfabetização na perspectiva do letramento e as inter-relações entre alunos e professores./ Michele Monique Moraes da Silva. – Osório, 2021.</p> <p>56 f.</p> <p>Orientadora: Profa. M^a. Dolores Schussler.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Unidade em Litoral Norte - Osório, 2021.</p> |
|-------|---|

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Carina Lima CRB10/1905

MICHELE MONIQUE MORAES DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO E AS INTER-
RELAÇÕES ENTRE ALUNOS E PROFESSORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção de título de Licenciada do Curso de Pedagogia - Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Prof^a. M^a. Dolores Schussler.

Aprovado em 23/06/2021.

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Prof^a. Ma. Dolores Schussler
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Profa. Dra. Valquiria Pezzi Parode
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Profa. Ma. Caroline Tavares de Souza Clesar
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Profa. Dra. Adriana Helena Lau
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu forças para chegar até aqui.

À minha mãe Enilda por sempre estar ao meu lado nessa trajetória, sonhando junto comigo meus sonhos, sempre foi e sempre será meu porto seguro. Obrigada por ser a melhor mãe que eu poderia ter.

Ao meu esposo Silvio pela paciência, me ouvir, compreender e me dar apoio nos momentos de desespero. Obrigada por estar nesta luta comigo.

À minha orientadora Ma. Dolores Schussler por suas orientações, paciência, dedicação, ensinamentos para comigo e acreditar que seria possível chegarmos até aqui. Meu muito obrigada.

Agradeço a todos os professores que passaram por minha vida. “O educador se eterniza em cada ser que educa” (Paulo Freire).

Por fim, agradeço a professora Valquíria Parode, professora Adriana Lau e Caroline Tavares por terem aceitado participar como membros da banca.

Agradeço também aqueles amigos e colegas que torceram por mim.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia teve como objetivo compreender sob a visão de professores alfabetizadores como se estabelecem as inter-relações com os alunos que estão na etapa da alfabetização, investigando a importância e a influência desses relacionamentos durante processo de ensino e aprendizagem, conforme as questões formuladas: Como se estabelecem as relações interpessoais entre alunos e professores? Qual a importância em estabelecer essas relações para que se efetive os processos de ensino e aprendizagem em turmas que estão na fase da alfabetização? Para os procedimentos metodológicos aos caminhos investigativos, optou-se por uma abordagem de natureza qualitativa, exploratória e descritiva, nos fundamentos de: Minayo (2002), Ludke e André (1986). O método monográfico foi desenvolvido na modalidade estudo de caso. A coleta dos dados foi por meio do instrumento questionário semiestruturado com duas professoras que já atuaram nos 1º, 2º e 3º anos no município de Glorinha, estado do Rio Grande do Sul. No estudo apresentam-se os ordenamentos legais ao Ensino Fundamental de Nove Anos e a etapa da alfabetização como a Constituição Federal (CF) (1988) a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (1996); as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica (DCN) (2013) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017). Sobre os fundamentos de alfabetização e letramento e as diferentes abordagens nas inter-relações entre alunos e professores vários autores trazem suas contribuições, tais como: Pinto (2014), Soares (2004), Moll (1996); Campos e Godoy (2013); Castagnoli (2014); Almeida (2014), Libâneo, (1994); Luckesi (1994) Mizukami, (1986), dentre outros. A pesquisa contribui para uma análise mais aprofundada sobre o estudo das as relações interpessoais entre alunos e professores vão além de alfabetizar e letrar. Faz-se necessário estabelecer vínculos afetivos positivos, ter empatia e afetividade nos relacionamentos entre alunos e professores, e que dada a sua importância na sala de aula, influenciam para que se efetive a aprendizagem de conteúdos necessários à esta etapa de escolarização.

Palavras-chave: inter-relação; professor; aluno; alfabetização; letramento.

ABSTRACT

This Pedagogy Course Conclusion Paper aimed to understand, from the perspective of literacy teachers, how the interrelationships with students who are in the literacy stage are established, investigating the importance and influence of these relationships during the teaching and learning process, according to the questions formulated: How are interpersonal relationships established between students and teachers? What is the importance of establishing these relationships so that the teaching and learning processes can be carried out in classes that are in the literacy phase? For the methodological procedures for investigative paths, a qualitative, exploratory and descriptive approach was chosen, based on: Minayo (2002), Ludke and André (1986). The monographic method was developed in the case study mode. Data collection was performed using a semi-structured questionnaire instrument with two teachers who had already worked in the 1st, 2nd and 3rd years in the municipality of Glorinha, state of Rio Grande do Sul. and the literacy stage such as the Federal Constitution (CF) (1988) and the Law of Guidelines and Bases for National Education (LDBEN) (1996); the Curriculum Guidelines for Basic Education (DCN) (2013) and the Common National Curriculum Base (BNCC) (2017). On the fundamentals of literacy and literacy and the different approaches in the interrelationships between students and teachers, several authors bring their contributions, such as: Pinto (2014), Soares (2004), Moll (1996); Campos and Godoy (2013); Castagnoli (2014); Almeida (2014), Libâneo, (1994); Luckesi (1994) Mizukami, (1986), among others. The research contributes to a deeper analysis of the study of interpersonal relationships between students and teachers that go beyond literacy and literacy. It is necessary to establish positive affective bonds, to have empathy and affection in the relationships between students and teachers, and given their importance in the classroom, they influence the effective learning of content necessary for this stage of schooling.

Keywords: interrelationship; teacher; student; literacy; literacy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

CF - CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

DCN - DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

EB - EDUCAÇÃO BÁSICA

EF - ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS

EI- EDUCAÇÃO INFANTIL

LDBEN - LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL

PNE- PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 | OBJETIVO GERAL | 12 |
| 1.2 | OBJETIVOS ESPECIFICOS | 12 |
| 1.3 | QUESTÕES PARA A PESQUISA | 12 |
| 2 | O ENSINO FUNDAMENTAL OBRIGATÓRIO DE NOVE ANOS E A ETAPA DA ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO | 13 |
| 3 | ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO E DIFERENTES ABORDAGENS NAS RELAÇÕES ENTRE ALUNOS E PROFESSORES | 19 |
| 3.1 | ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO- RELAÇÕES INTERPESSOAIS | 19 |
| 3.2 | CONCEPÇÕES DAS DIFERENTES ABORDAGENS NAS RELAÇÕES ENTRE ALUNOS E PROFESSORES NA ETAPA DA ALFABETIZAÇÃO | 25 |
| 4 | METODOLOGIA E MÉTODOS: CAMINHOS INVESTIGATIVOS | 35 |
| 4.1 | MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA | 35 |
| 4.2 | OS PROCEDIMENTOS | 36 |
| 4.3 | SITUANDO A ESCOLA E AS PARTICIPANTES | 36 |
| 5 | ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E AS INTERRELAÇÕES ENTRE ALUNOS E PROFESSORES: SOB VISÃO DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS | 38 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 47 |
| | REFERÊNCIAS | 49 |
| | APÊNDICE A- CARTA DE APRESENTAÇÃO | 53 |
| | APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 54 |
| | APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PARTICIPANTE | 55 |

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como foco as relações interpessoais entre alunos e professores na etapa da alfabetização. A pesquisa aqui apresentada buscou compreender através da visão e experiências de professores alfabetizadores que já atuaram nos 1º, 2º e 3º anos dos anos iniciais no Município de Glorinha, estado do Rio Grande do Sul, investigando como estas educadoras estabelecem e articulam as inter-relações com os alunos que estão em fase de alfabetização, e, a importância em estabelecer essas relações para que se efetive os processos de ensino e aprendizagem em turmas que estão na fase da alfabetização.

O processo de alfabetização e letramento por si só já é complexo e desafiador no que se refere ao ensino e à aprendizagem, tanto para os alunos quanto aos professores. Concebe-se que nesta etapa de escolarização os alunos precisam concluir a etapa no 1º e 2º anos, dominando a leitura e a escrita e fazer uso desses aprendizados nas práticas sociais. Aos professores cabe a tarefa de ensinar para que, de fato, eles se tornem alfabetizados e letrados.

Permeiam neste processo para além do ensino e aprendizagem situações de vivências nas relações dos professores com seus alunos e também situações em relação aos alunos com seus professores. Considera-se que conflitos ocorrem em qualquer espaço e em variadas situações, contudo no espaço escolar quando essa situação vem à tona em forma de problemas, os relacionamentos nem sempre se dão de modo positivo, e sob este ponto de vista as relações estabelecidas poderão interferir nos processos de ensino e aprendizagem, pois tem relação com o saber. Peruzzo, Siqueira e Alberici (2018, p. 04), que investigaram as relações interpessoais entre alunos e professores, citam que:

As duas mais comuns, ou pelo menos as mais presentes, são a frustração e a irritação – ambas podem ser oriundas de várias situações, como, por exemplo: a falta de apoio para a realização das tarefas, a falta de atenção e o mau comportamento dos alunos. Caso essa tensão toda permanecer durante um período de tempo, pode levar ao cansaço, ao abatimento e a um colapso emocional.

Os alunos que estão nesta etapa de escolarização são crianças oriundas da Educação Infantil (EI) e, tiveram suas relações estabelecidas e que, nesta transição para a segunda etapa da Educação Básica (EB), que se inicia com a alfabetização, eles passam a vivenciar um ambiente diferenciado onde necessita-se cumprir currículos, fruto de uma seleção e produção de saberes, e, ao mesmo precisa-se adaptar e vivenciar novos espaços e tempos de socialização.

A estrutura deste trabalho no capítulo dois, busca fazer uma breve contextualização de como foi se estabelecendo e promulgando nas políticas públicas o Ensino fundamental de Nove Anos, teorizando nos eixos alfabetização e letramento. Nesta proposição os dispositivos da Constituição Federativa do Brasil (CF), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pronunciam os direitos de todos à uma educação pública de qualidade considerando a alfabetização com ingresso aos seis anos de idade no Ensino Fundamental de Nove Anos.

O capítulo três como referencial teórico está dividido em dois eixos sendo que no primeiro eixo busca-se articular os fundamentos de alfabetização na perspectiva do letramento articulando com as inter-relações nestes processos de ensino e de aprendizagem. Nesta parte fez-se uso Moll (1996), Pinto (2014,) Soares (2012) bem como das (DCN) e (BNCC) no que se referem ao foco de alfabetizar e letrar. No segundo eixo apresentam-se diferentes abordagens pedagógicas nas relações aluno-professor. Situa-se Libâneo (1994) que ressalta que ensino e aprendizagem nas facetas de um mesmo processo e Mizukami (1986) faz referências às variadas abordagens nas relações aluno-professor, e Luckesi (1994) no que se refere ao papel da escola. Almeida (2014) enfatiza ainda a teoria de Vygotsky o professor como mediador entre o meio e o objeto de aprendizagem. Pinto (2014) que dialoga e media através das relações interpessoais, como conjunto de procedimentos que facilitam a comunicação e as linguagens, dentre outros autores.

O capítulo quatro refere-se à metodologia dos caminhos investigativos em seus eixos de abordagens, caracterizando as escolas, bem como um quadro de identificação das professoras participantes em relação às suas formações, experiências em turmas de alfabetização.

O capítulo cinco busco entremear alfabetização e letramento e as inter-relações entre alunos e professores, analisando de acordo com as respostas obtidas fazendo uso de autores já mencionados no trabalho, porém foi ainda necessário ir em busca de outros autores. Considerou-se, neste estudo, que as relações interpessoais entre alunos e professores vai além de alfabetizar e letrar nesta etapa de escolarização, faz-se necessário estabelecer vínculos afetivos positivos, ter empatia e afetividade nos relacionamentos entre alunos e professores, e que dada a sua importância na sala de aula, influenciam para que se efetive a aprendizagem de conteúdos necessários à esta etapa de escolarização.

1.1 OBJETIVO GERAL:

Compreender sob a visão de professores alfabetizadores como se estabelecem as inter-relações com os alunos que estão na etapa da alfabetização, investigando a importância e a influência desses relacionamentos durante processo de ensino e aprendizagem.

1.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Relacionar as políticas públicas e suas diretrizes aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Nove Anos considerando os contextos da alfabetização.
- Conceituar alfabetização na perspectiva do letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental;
- Fundamentar e compreender as abordagens nas relações professores e alunos.
- Analisar as inter-relações entre alunos e professores sob o olhar de professoras alfabetizadoras.

1.3 QUESTÕES PARA A PESQUISA

Como se estabelecem as relações interpessoais entre alunos e professores?
Qual a importância em estabelecer essas relações para que se efetive o processo de ensino e aprendizagem em turmas que estão na fase da alfabetização?

2 O ENSINO FUNDAMENTAL OBRIGATÓRIO DE NOVE ANOS E A ETAPA DA ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

Neste capítulo, apresentam-se documentos as bases legais que trazem ordenamentos legais das políticas públicas e suas diretrizes aos anos iniciais do Ensino Fundamental de Nove Anos considerando contextos da alfabetização.

No Brasil, nos anos sessenta e setenta do século passado, na perspectiva política, era marcado pelo longo período do regime da ditadura militar, onde as linguagens e manifestações sociais e educacionais estavam em meio ao estado contínuo de vigilância pública. Contudo o cenário na década de oitenta continuava indefinida, embora já se manifestassem movimentos de redemocratização, porém de modo lento e gradual.

Na década de noventa do século passado começa a redemocratização do país, com a promulgação em 1988, da nova Constituição da República Federativa do Brasil (CF), quando na Carta Magna institui-se um capítulo destinado à Educação.

A CF torna público no artigo 205, que a educação é tida como “Direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). O artigo 206, faz referências ao ensino, que será ministrado nos seus precípicos: I- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; [...] VII - garantia de padrão de qualidade. (BRASIL, 1988).

O artigo 208, designa e faz saber que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de, que, após restauração da Educação Básica (EB), passa a vigorar na prática a ação: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria¹.

¹ Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009.

Portanto o cenário educacional, em 1996, sanciona-se a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9394/96, que estabelece reafirmando os princípios de ensino da CF de 1988, e também quanto ao dever do Estado com a Educação. Nesse contexto legal inicial, já se sinalizou para um ensino obrigatório de nove anos de duração, a iniciar-se aos seis anos de idade, mas ainda facultava aos estados, municípios e distrito federal a dar início ao processo de implementação. Em 2005, foi promulgada a primeira lei específica do ensino fundamental de nove anos, a lei nº 11.114/05, que alterava então o artigo 6º da LDB, tornando obrigatória a matrícula da criança aos seis anos de idade no ensino fundamental designando “Dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos seis anos de idade, no ensino fundamental”². (BRASIL, 1996).

Em 2006, pela lei nº 11.274, “Torna-se obrigatório o EF com duração de nove anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade [...]”. (BRASIL, 1996). De acordo com o Ministério da Educação (MEC) tal ampliação do Ensino “foi uma meta almejada para a política nacional de educação, há muitos anos, para que, com esta medida, melhorem as condições de equidade e de qualidade da Educação Básica” (BRASIL, 2013).

O Parecer CNE/CEB nº 07/2010, implementou em 2013, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), pretendendo estabelecer uma “[...] base nacional comum, responsável por orientar a organização, articulação, o desenvolvimento e a avaliação das propostas pedagógicas de todas as redes de ensino brasileiras” (BRASIL, 2013).

Ocorreu uma atualização das DCN pois a partir da reestruturação da EB as anteriores ficaram defasadas. Nesta reorganização do sistema educacional brasileiro, em conformidade com as novas diretrizes estão reunidos todos os níveis de ensino que pertencem à Educação Básica: (Educação Infantil (antes meramente assistencial), Ensino Fundamental de Nove Anos (anos iniciais e finais) e Ensino Médio. A intencionalidade dessas diretrizes:

[...] buscam prover os sistemas educativos em seus vários níveis (municipal, estadual e federal) de instrumentos para que crianças,

² Redação dada pela Lei nº 11.114, de 2005.

adolescentes, jovens e adultos que ainda não tiveram a oportunidade, possam se desenvolver plenamente, recebendo uma formação de qualidade correspondente à sua idade e nível de aprendizagem, respeitando suas diferentes condições sociais, culturais, emocionais, físicas e étnicas (BRASIL, 2013).

Desse modo, a reorganização da EB constituiu um novo desafio para “superar a fragmentação das políticas públicas e a desarticulação institucional dos sistemas de ensino entre si, diante do impacto na estrutura do financiamento, comprometendo a conquista da qualidade social das aprendizagens” (BRASIL, 2013, p. 19).

Podemos considerar também os temas pertinentes à matéria essas diretrizes para a EB, devem orientar as demais normatizações curriculares. Na resolução em BRASIL (2013) define da seguinte forma “Específicas para as etapas e modalidades, contemplando o conceito de Educação Básica, princípios de organicidade, sequencialidade e articulação, relação entre as etapas e modalidades, articulação, integração e transição”

Entremeando os direitos da universalidade da EB, alicerçam-se os direitos subjetivos à educação das crianças e adolescentes, [...] “Indispensáveis para a capacidade de exercer em plenitude o direito à cidadania”, como escrito nessas diretrizes (BRASIL, 2013, p. 17):

É o tempo, o espaço e o contexto em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade, em meio a transformações corporais, afetivo emocionais, socioemocionais, cognitivas e socioculturais, respeitando e valorizando as diferenças. Liberdade e pluralidade tornam-se, portanto, exigências do projeto educacional.

Estas orientações educacionais nas circunstâncias das normativas propostas nas políticas educacionais resultam deste cenário, que durante os anos iniciais do Ensino Fundamental ocorram: I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II – foco central na alfabetização, ao longo dos três primeiros anos, (BRASIL, 2013). Nestes ordenamentos legais, o Plano Nacional de Educação (PNE), Lei 13.005/2014, em vigência, que se constitui uma política de estado para a década de 2014-2024, portanto, passa-se a se considerar o articulador do

Sistema Nacional de Educação, e estabelece “[...] a alfabetização das crianças, no máximo, até o fim do terceiro ano do ensino fundamental” (BRASIL, 2014). Neste sentido, em relação à alfabetização em suas perspectivas pedagógicas, o referido plano sinaliza, dentre as estratégias:

Estruturar os processos pedagógicos de alfabetização, nos anos iniciais do ensino fundamental, articulando-os com as estratégias desenvolvidas na pré-escola, com qualificação e valorização dos (as) professores (as) alfabetizadores e com apoio pedagógico específico, a fim de garantir a alfabetização plena de todas as crianças (BRASIL, 2014).

Além disso, ao ampliar o ensino fundamental para nove anos, e o ingresso das crianças aos seis anos de idade na etapa da alfabetização, foram determinações legais vistas pelo estado como possibilidade de diminuir também o fracasso e a evasão logo no início da escolarização e, com isso, foi dado um enfoque com ênfase na alfabetização e no letramento, durante os três primeiros anos, que, neste cenário foram denominados como “ciclos da infância” ou “ciclos da alfabetização”. O período da alfabetização é parte integrante de um ciclo de 3 (três) anos conforme definido pela Resolução CNE/CEB nº 7/2010, que salienta:

[...] expande-se o período da alfabetização, ou seja, o ciclo da alfabetização não deve ser passíveis de interrupção. É o que recomendam as novas diretrizes curriculares nacionais, com foco central na alfabetização, ao longo dos três primeiros anos, conforme estabelece o Parecer CNE/CEB nº4/2008, de 20 de fevereiro de 2008 (BRASIL, 2010).

Vale destacar, contudo que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), preconiza e define que a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o segundo ano do ensino fundamental, com o objetivo de garantir o direito fundamental de aprender a ler e escrever (BRASIL, 2017). Ao final do ciclo, a criança deve estar alfabetizada.

Na BNCC, o ensino fundamental está organizado em cinco áreas do conhecimento. Essas áreas, como bem aponta o Parecer CNE/CEB nº 11/2010²⁴, “Favorecem a comunicação entre os conhecimentos e saberes dos diferentes componentes curriculares” (BRASIL, 2010). Elas se intersectam na formação dos alunos, embora se preservem as especificidades e os saberes

próprios construídos e sistematizados nos diversos componentes³. Valoriza-se as atividades lúdicas na prática pedagógica conforme a base salienta:

A BNCC do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos (BRASIL, 2017).

Ressalta-se, entretanto, que além dessas diretrizes na etapa da alfabetização:

Significa também acolher, também cuidar e educar, como forma de garantir a aprendizagem dos conteúdos curriculares, para que o estudante desenvolva interesses e sensibilidades que lhe permitam usufruir dos bens culturais disponíveis na comunidade, na sua cidade ou na sociedade em geral, e que lhe possibilitem ainda sentir-se como produtor valorizado desses bens (BRASIL, 2013).

Considerando tais características na prática pedagógica as crianças nesta etapa de escolarização precisam ser vistas nas suas peculiaridades e singularidades de aprendizagens bem como estabelecer relacionamentos positivos para que ocorram essas aprendizagens. Nesta perspectiva, mudanças de conceitos e de práticas pedagógicas foram necessárias quando exige-se conhecimentos ao processo de alfabetização e letramento, que na organização pedagógica dos professores alfabetizadores incluem-se saberes e conhecimentos para além de um sistema político-pedagógico proposto não podem ser o único meio de que a escola se apropria no seu modo de organização, principalmente precisa analisar as inter-relações do pedagógico com as práticas cotidianas da sala de aula.

Na educação escolar a ação docente tem o seu sentido e o seu significado, a partir do que se observa dentro da sala de aula, segundo Luckesi (1994, p. 115) “Na sua prática” ou “práxis pedagógica”, o professor “[...] é aquele que, tendo

³ Documento disponível no link: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#estrutura>.

adquirido o nível de cultura necessário para o desempenho de sua atividade, dá direção ao ensino e à aprendizagem” (Ibidem, p. 115).

Portanto, conforme exposto nas legislações, e apontado nas diretrizes:

[...] a educação é um direito universal e alicerce indispensável para a capacidade de exercer em plenitude o direito à cidadania. É o tempo, o espaço e o contexto em que o sujeito aprende a constituir e reconstituir a sua identidade, em meio a transformações corporais, afetivo emocionais, socioemocionais, cognitivas e socioculturais, respeitando e valorizando as diferenças. Liberdade e pluralidade tornam-se, portanto, exigências do projeto educacional (BRASIL, 2013).

Partindo desses pressupostos das diretrizes e políticas o próximo capítulo contempla a etapa da alfabetização, conceitos na perspectiva do letramento entremeando abordagens nas relações interpessoais entre alunos e professores.

3 ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO E DIFERENTES ABORDAGENS NAS RELAÇÕES ENTRE ALUNOS E PROFESSORES

3.1 ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO- RELAÇÕES INTERPESSOAIS

A etapa da alfabetização se institui nos anos iniciais do EF de nove anos e se propõe atualmente que seja efetivada nos primeiros correspondentes ao início da EB. Os alunos deste nível de ensino que se inicia aos seis anos de idade no 1º ano ingressam num ciclo que se conclui no 2º ano quando estes devem estar, de fato, alfabetizados e letrados. O alunado é constituído de crianças que ainda vivenciam sua infância, com seus modos específicos de se comportar, agir e sentir que só podem ser compreendidos a partir da relação que se estabelece entre seus pares. As crianças “chegam à escola com referências de experiências da educação infantil, que em suas faixas etárias estão em desenvolvimento de aprendizagens [...] relacionados aos seus aspectos físicos, emocionais, sociais e cognitivos” (BRASIL, 2013). De acordo com as DCN:

Eles necessitam de em constante interação, comunicação e diálogo, como sujeitos históricos que são, as características de desenvolvimento dos alunos estão muito relacionadas com seus modos próprios de vida e suas múltiplas experiências culturais e sociais, de sorte que mais adequado seria falar de infâncias e adolescências no plural (BRASIL, 2013, p. 110).

Nestas interlocuções, quando na fase de aprendizados na alfabetização ocorrem o processo de construção da leitura e da escrita. Também se desenvolve a formação na perspectiva de letramento que visa fazer uso da língua escrita nas práticas sociais, no qual os alunos também precisam sentir-se motivados e estabelecerem relacionamentos positivos. Compreendendo seus usos sociais, para que de fato os alunos sejam alfabetizados e letrados necessita-se de um ambiente que os desafie. Para Moll (1996, p. 69):

Um ambiente alfabetizado pode ser também alfabetizador no sentido de fornecer elementos que desafiem o sujeito o pensar

sobre a língua escrita como sistema de representação de significados contextuais. Esse ambiente pode mediar a relação entre o sujeito que aprende e a língua escrita, enquanto conhecimento a ser aprendido.

Para Soares (2012, p.12), neste processo “[...] é fundamental que a criança, [...] vivencie com frequência e intensidade [...] no mundo do imaginário e da fantasia dos contos e das narrativas, e também no mundo da informação”, pois desta forma, é capaz de desenvolver “Sua competência leitora e o conhecimento dos usos e funções da escrita” (Ibidem, p. 12).

A alfabetização muitas vezes pode trazer alguns desafios e ser complexa para o professor e também para o aluno, é necessário para se construir as mediações de relações interpessoais entre todos que estão envolvidos para que favoreça a todos no processo de ensino. Para Pinto (2014, p. 11), tem-se conhecimento que o “processo de aprendizagem é complexo e dinâmico e cabe ao professor, através de uma pedagogia que envolva o afeto, o trabalho em equipe e as relações interpessoais construir uma rotina que favoreça a aprendizagem”. Salienta ainda a autora citada:

As relações interpessoais que acontecem de forma harmoniosa refletem positivamente na qualidade do trabalho docente. Os sujeitos envolvidos nesse processo: professor e aluno são personagens que merecem atenção especial e por isso as interações que se dão entre eles e outros indivíduos que fazem parte da escola são fatores condicionantes para efetivação da aprendizagem (Ibidem, p. 11).

Nesta fase de escolarização é o momento que as crianças experimentam novas metodologias de ensino, novas adaptações a um ambiente diferenciado do que antes elas estavam vivenciando. A isso incluem-se as próprias relações entre elas e também novos professores a que elas precisam se adequar e adaptar-se. Contudo, deve-se prever garantias de aprendizagens, em um percurso contínuo respeitando suas interações com seus pares e com os adultos e as inter-relações que se estabelecem para uma aprendizagem significativa de escrita e leitura, interagindo e socializando linguagens com a valorização do lúdico que elas já traziam desde a EI.

O foco da alfabetização na perspectiva do letramento propõe uma ação pedagógica visando garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. Como aponta o Parecer CNE/CEB nº 11 de 2010, os “Conteúdos dos diversos componentes curriculares [...], ao descortinarem às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo” (BRASIL, 2017)⁴.

No componente Língua Portuguesa cabe proporcionar para os estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma que possa possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. Para garantir essa ampliação dos letramentos, é preciso criar oportunidades em que os alunos possam se expressar, utilizando-se das práticas de linguagem em situações reais, que realmente façam parte da vida em sociedade, em nossa cultura letrada. (BNCC, 2017).

Os alunos dessas faixas etárias, cujo desenvolvimento está marcado por interesses próprios, relacionados aos seus aspectos físicos, emocionais, sociais e cognitivos, precisam de uma constante interação entre seus pares e entre os adultos, que no caso, em sala de aula, é o educador. Como “sujeitos históricos que são, as características de desenvolvimento dos alunos estão muito relacionadas com seus modos próprios de vida e suas múltiplas experiências culturais e sociais” (BRASIL, 2013, p. 110).

Todavia, o ato de alfabetizar e letrar vai muito além, é fundamental o acompanhamento e diálogo entre educador e educando, os relacionamentos positivos são fundamentais neste processo. Se caracteriza como um esforço conjunto de uma boa relação para que as trocas de aprendizagens aconteçam de forma concreta. Em suas práticas escolares e no que elas implicam nos relacionamentos em sala de aula, os professores necessitam estabelecer as

⁴ Acesso através do link:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79611-anexo-texto-bncc-aprovado-em-15-12-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192.

relações interpessoais neste ambiente pois em conformidade com Campos e Godoy (2013, p. 05):

No ambiente das relações interpessoais da escola, deve-se compreender o indivíduo com suas diferenças e qualidades, para ter condições de vida nos grupos. Esta interação passa pelas dificuldades e divergências do cotidiano e não somente na troca de ideias ou divisão de tarefas no dia a dia. Afinal, todo indivíduo tem sua cultura independente da vida escolar.

Soares (2012, p. 65), cita que na perspectiva de alfabetizar letrando envolvem [...] “Uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais”. Para além disso no âmbito escolar a educação se constitui num processo de formação humana e relações sociais. Sotero e Nascimento (2012, p. 03) mencionam que:

Entendemos por educação o processo de formação humana, que prepara o indivíduo para viver em sociedade e lhes proporciona um leque de conhecimentos, habilidades e competências necessárias para que se desenvolva integralmente. Além disso, constitui-se nas interações que ocorrem nos diversos meios sociais que envolvem pessoas.

Portanto, o ato de alfabetizar não deve estar somente em um sujeito alfabetizado, nem sempre este é um sujeito letrado, o meio educacional não deve somente dar a habilidade de ler e escrever, mas sim de serem sujeitos praticantes da prática da leitura e da escrita, conforme seu meio social em que o mesmo se encontrasse inserido. De acordo com Soares (2012, p. 39), nesta perspectiva:

[...] o processo de alfabetizar letrando nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, envolvendo mais do que aprender a ler e escrever mas executar esses processos como uma prática social, em seu dia a dia, sendo o letramento nesse sentido o “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita.

Nesta direção, no sentido etimológico ao processo de alfabetização, não pode reduzir-se apenas “a uma esfera mecânica, na qual alfabetizar-se está vinculado a habilidades de codificação (ou representação da escrita de fonemas em grafemas) e decodificação (ou representação oral de grafemas em fonemas)”. (MOLL, 1996, p. 68).

Tendo em vista o conceito de alfabetização, a BNCC considera que, durante os dois primeiros anos do Ensino Fundamental - anos iniciais, os estudantes precisam conhecer o alfabeto e a mecânica da escrita e leitura, conseguindo “Codificar e decodificar os sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras)” (BRASIL, 2017). A alfabetização é um processo em que se dá a transformação de um fonema (sons) em um grafema (letras), e vice-versa. Ou seja, o ato de alfabetizar caracteriza-se em ensinar a ler e escrever.

Por outro lado, existe o conceito de letramento, o qual é um estado ou condição em que o indivíduo adquire ao saber ler e escrever, bem como, quando ele faz uso das condições práticas e sociais da leitura e escrita. Sendo assim, um indivíduo letrado não sabe apenas ler e escrever, mas também sabe fazer uso desses critérios e responde “as exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente” (SOARES, 2004, p. 20).

Desta forma, as ações pedagógicas, que têm como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao pleno desenvolvimento da leitura e da escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos, os “Conteúdos dos diversos componentes curriculares [...], ao descortinarem às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo” (BRASIL, 2017).

Sabe-se, no entanto, que não existem alunos homogêneos em uma escola e nem mesmo numa turma, e não existem professores por igual, e, além disso há uma heterogeneidade de ações comportamentais, atitudes que podem gerar problemas de relacionamentos no âmbito do espaço da sala de aula. Conforme Castagnoli (2014, p. 09):

O aluno traz consigo uma bagagem já adquirida ao chegar à escola. A quantidade e a qualidade da bagagem ainda não são conhecidas. É através da convivência e das exigências que a escola fará que esta bagagem se revele, a partir daí teremos a cor, a forma, a continuidade do conteúdo da bagagem, onde muitas vezes está se rompe provocando em nosso aluno, o desinteresse [...].

Considera-se que para tal ato não há uma receita pronta a seguir com um passo-a-passo e que no final dá tudo certo, cada criança traz a sua bagagem seu capital cultural, suas histórias para a sala de aula, a aprendizagem se dá de forma diferente para cada criança. Conforme Moll (2007, p. 29) afirma que:

O letramento como prática social de leitura do cotidiano passa a ser substituído por um letramento escolar. Deste modo, o processo de alfabetização e letramento tendo características distintas ambos se completam, já que os dois estão ligados a este processo da aprendizagem, o letramento por sua vez é um termo recente no âmbito educacional e na literatura, envolve um processo de aquisição e domínio de conteúdos repassados diante do processo de alfabetização, caracteriza este elemento o professor desempenha o papel de facilitador que, colocando à disposição o material de leitura e escrita, não intervém no ritmo de aprendizagem do aluno.

Assim, a alfabetização é definida como o processo de aprendizagem, quando se desenvolve a habilidade de ler e escrever. Soares (2017) define alfabetização como a “Ação de alfabetizar, de tornar "alfabeto”. A autora também define o termo alfabetização como sendo ao que “Designa a ação de alfabetizar, de ensinar a ler e escrever” (SOARES, 2017, p. 29)

O ato de letrar por sua vez é mais que alfabetizar, é estar ali para ensinar dentro de um contexto totalmente abrangente da leitura e escrita faça sentido na vida de cada aluno. Soares (2012, p. 15), por sua vez afirma que, o conceito de letramento relaciona-se “ao fato de ser indispensável dar nome as novas práticas referentes à leitura e escrita que está além das possibilidades da apropriação do sistema alfabético e ortográfico”.

Alfabetizar letrando é caracterizado de forma mais ampla, já que o mesmo deve se preocupar com todo o contexto existente na vida do aluno, para que assim se possa dar a ele uma aprendizagem significativa, todo este trabalho terá por sua vez o resultado pelos conhecimentos adquiridos pelos seus alunos. Conforme Almeida (2014, p. 16), “Letramento é a letra que ganha vida ativa. É a vida que surge da palavra. É a vivificação da alfabetização”. Portanto é imprescindível que o aluno entenda e perceba que todo ato de ler e escrever é algo para a vida dele que fará sentido estar ali, diante disto o processo de alfabetização do aluno acabará por ser mais fácil, já que ele estará almejando cada vez mais o aprendido.

No entanto, potencializar a sala de aula em ambiente motivador, nesta fase de alfabetar, existem muitas dicas, mas a realidade na prática se constrói no dia-a-dia conforme a realidade e a peculiaridade dos alunos, porém isso influencia no processo de ensino do professor alfabetizador em como as relações entre esses precisam ser construídas também. Para Almeida, (2014, p. 01):

O fato de a sala de aula ser um espaço dinâmico e heterogêneo do ponto de vista do educador e do educando - aponta a necessidade de adequação de práticas docentes para um relacionamento no mínimo satisfatório para ambas as partes. A base desta relação deve ser o respeito mútuo, mas há uma infinidade de variáveis que interferem neste relacionamento e que devem ser adaptadas conforme as exigências específicas dos indivíduos envolvidos.

Isso implica ir além, conforme salienta Freire e Macedo (1990, p. 12 apud MOLL, 1996, p. 68), “que se comece a encarar a alfabetização como uma relação entre o educando e o mundo, mediada pela prática transformadora desse mundo, que tem lugar precisamente no ambiente em que se movem os educandos”. Considerando dessa maneira precisa-se pensar nas características das diferentes abordagens do processo de ensino.

A partir dos pressupostos desse diálogo em determinar concepções e fundamentos sobre alfabetização e perspectiva do letramento, suas interfaces e múltiplas facetas nas inter-relações, no próximo capítulo eixo busco situar as diferentes abordagens nas relações interpessoais entre alunos e professores.

3.2 CONCEPÇÕES DAS DIFERENTES ABORDAGENS NAS RELAÇÕES ENTRE ALUNOS E PROFESSORES NA ETAPA DA ALFABETIZAÇÃO

Como sabemos, a alfabetização é o início da segunda etapa da EB, e mesmo que os relacionamentos possam ser complexos em quaisquer instâncias que envolvem os seres humanos, e isso se dá em vários ambientes tanto no ambiente formal de trabalho quanto no contexto escolar em sala de aula que esta complexidade, se encontra.

As dificuldades de relacionamentos principalmente na fase da alfabetização frente as perspectivas de novas metodologias e ritmos diferenciados, cenários que

se modificam num novo universo e, poderão ocorrer manifestações emocionais diversas nesta nova rotina percebidas e vivenciadas. De acordo com Braida⁵.

Até novembro é permitido e valorizado que a criança corra, brinque, converse quando dá vontade. Poucos meses depois, entre dezembro e fevereiro, a situação é outra: a mesma criança precisa ficar sentada em sua carteira, em silêncio e trabalhar sozinha. Ir ao parque, só é permitido uma vez na semana. Normalmente, esse é o cenário da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Procurando manter a rotina a que estão acostumados, os pequenos desenvolvem algumas estratégias. Levantam-se constantemente para apontar o lápis, conversam baixinho, se mexem na cadeira, levam brinquedos escondidos e transformam materiais escolares em ferramentas da cultura infantil. Essas ações demonstram como as crianças buscam manter o controle de sua vida e tentam compartilhá-lo com os demais colegas (2020, S/P).

O foco do ato pedagógico na etapa da alfabetização é pertinente que os alunos tenham fluência de leitura para desenvolver a formação de leitor e habilidades de escrita. No entanto, muitas vezes situações de relacionamentos interferem nestes aprendizados, e, tais situações poderão fazer com que a criança crie uma resistência com relação à escola e ao ensino, porque estes não são lúdicos, prazerosos ou divertidos. Neste sentido, quando, algumas vezes os professores adotam estratégias de reinar o silêncio absoluto não coaduna para as aprendizagens esta faixa etária. Para Elias e Veras (2008, p. 182), “todo ser humano precisa ter o seu momento para falar, colocar suas ideias, expressar suas opiniões e sentimentos. Dentro da escola, esse espaço ou é limitado ou não existe”. Salientam os autores que:

Proporcionar aos alunos um momento em que eles possam se expressar como seres que além de possuir suas capacidades cognitivas, têm valores, emoções e opiniões próprias que não podem ser silenciadas, mas sim compartilhadas” (Ibidem, p. 182).

⁵ Psicopedagoga e Coordenadora da Educação Infantil e dos anos iniciais do Fundamental na Rede de Ensino APOGEU, esclarece as principais dúvidas sobre a transição e explica como os pais devem agir para criar melhorias na adaptação do aluno à nova fase. Tais informações encontram-se disponíveis no link: <http://www.colegioapogeu.com.br/noticias/como-preparar-o-seu-filho-para-o-inicio-do-ensino-fundamental>.

No entanto, para os professores também não é uma tarefa fácil. Eles se veem diante das diretrizes que precisam ser cumpridas, por isso, nessas relações, não há uma receita que nos ensine. Libâneo, (1994, p. 115) ressalta que “Ensino e aprendizagem são duas facetas de um mesmo processo [...]”. Salienta ainda o referido autor “O professor planeja, dirige e controla o processo de ensino, tendo em vista estimular e suscitar a atividade própria dos alunos para a aprendizagem”. Em conformidade ainda com o autor citado:

Em sentido geral, qualquer atividade humana praticada no ambiente em que vivemos pode levar a uma aprendizagem. Desde que nascemos estamos aprendendo, e continuamos aprendendo a vida toda. [...] uma criança aprende habilidades de lidar com as coisas [...] aprende a contar, a ler, a escrever, a pensar, a trabalhar junto com as outras crianças (Ibidem, p. 81).

Para o desenvolvimento das aprendizagens não basta apenas ter métodos e metodologias adequadas à esta faixa etária, faz-se necessário pensar como interagir, como estabelecer relações interpessoais, harmoniosas para que o aprendizado se torne o objetivo do ensino. Nessas dimensões defende-se que é preciso de um ambiente que potencialize essas relações no ambiente escolar assim como na construção histórica do ato de alfabetizar e de alfabetizar-se também foram se construindo teoricamente essas relações.

O professor não é só facilitador, mas também àquele que possibilita o ensino e a aprendizagem. Nas relação entre alunos e professores em sala de aula, cabe ao professor fazer esta ponte, promovendo situações em que o aluno possa voltar-se para si mesmo, para os outros alunos e para a família. De fato, “As relações interpessoais no âmbito escolar são inúmeras, mas a relação dos professores para com seus alunos e vice-versa compõe o centro do processo educativo” (SEVERO, 2015, p. 02). Segundo Sousa e Silva (2007, p. 02):

A análise dos relacionamentos entre professor-aluno envolve interesses e intenções, sendo esta interação o expoente das conseqüências, pois a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores nos membros da espécie humana. Os alunos e os professores têm interesses e intenções ao ensino e à aprendizagem, que estão interligadas e são dependentes uma da outra (SEVERO, 2015, p. 06).

O campo educacional perpassa por várias tendências, abordagens que se instituem nas práticas pedagógicas, que no decorrer dos tempos os educadores se apropriaram dos modos de ensinar, mas que também foram transformando-se na medida que os educadores foram se permeando em vários saberes. Para Sotero e Nascimento (2012, p. 04): “[...] essas tendências foram desenvolvidas de acordo com a necessidade de cada época, onde a sociedade esperava um perfil de indivíduo que se adequasse a ela”.

A campo verifica-se que os professores ainda se apropriam da abordagem Pedagógica tradicional, quando “O processo de aprendizagem se dá de forma mecânica e o aluno é mero receptor através de uma metodologia de exposição de conteúdos” (SOTERO; NASCIMENTO, 2012, p. 04). Segundo Mizukami (1986, p. 07):

Implícita ou explicitamente em teorias empiricamente validadas, essa é uma abordagem de ensino e aprendizagem que “não se fundamenta, mas numa prática educativa na sua transmissão através dos anos”. É uma tendência que se pode caracterizar em características positivas quanto negativas. Nesta tendência o educador detém de toda tomada de decisão de sua metodologia de ensino e de avaliação.

O professor nesta tendência tende a ser o centro de tudo, então o mesmo só transmite o conteúdo da forma que lhe convém, não permitindo que o aluno tenha uma maior interação com ele. A tendência é considerada liberal tradicional por Luckesi (1994, p. 57) no que se refere ao papel da escola enfoca que “[...] o caminho cultural em direção ao saber é o mesmo para todos, desde que se esforcem [...]”. Com referência nos relacionamentos professor e aluno, segundo o autor referido:

Predomina a autoridade do professor que exige atitude receptiva dos alunos e impede qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula. O professor transmite o conteúdo na forma da verdade a ser absorvida; em consequência, a disciplina imposta é o meio mais eficaz para assegurar a atenção e o silêncio (Ibidem, p. 57).

Neste sentido, a pedagogia tradicional por vezes seguida em nossas escolas, é quando o professor atua somente sob esta abordagem, ele influencia as

suas ações nos relacionamentos com os seus alunos o que implica na aprendizagem.

Para Mizukami (1986, p. 14) que faz uma análise comparativa entre as abordagens de ensino e aprendizagem buscou caracterizar o cotidiano didático-pedagógico citando que sob tal abordagem nas relação aluno-professor: “A relação é vertical, sendo que um dos polos (o professor) detém o poder decisório quanto à metodologia, conteúdo, avaliação, forma de interação na aula, etc”. O professor é o agente e o aluno é o “ouvinte” e, neste sentido “o professor” já traz o conteúdo pronto e, o aluno se limita, passivamente, a “escutá-lo” (Ibidem, p.15). Contudo, atualmente na interação professor-aluno deve-se saber que os laços estabelecidos são muito fortes e essenciais para o desenvolvimento pessoal e intelectual do aluno. Assim sendo, para Pinto (2014, p. 14):

Nas interações criança-criança e professor-criança, a troca de experiência e informação favorece o conhecimento, possibilitando aos alunos não só a apropriação do conhecimento cultural, mas também sua análise sobre o meio e a consciência de seu papel como ser humano transformador.

Para Almeida (2014, p. 04), “numa proposta cognitivista da educação, propõe-se uma relação mais interacionista, na qual considera dois principais representantes”. Segundo a autora em seu artigo cita ainda que:

O professor, para Piaget, terá a tarefa de incentivar as criações de seus alunos, fugir da rotina das respostas prontas e já esperadas, comuns na prática behaviorista. Deverá provocar a máxima independência de seu aluno, criar situações-problema que exijam a solução de seus alunos (Ibidem, p. 04).

Salienta ainda a autora neste processo das relações que os educandos deverão “Ter o tratamento condizente com a sua fase evolutiva e os conteúdos de ensino devem se adequar ao nível de desenvolvimento do aluno que será um ser ativo no processo de ensino” (ALMEIDA, 2014, p. 05). Desta forma, entende-se que o educador deverá ser mediador do caminho do desenvolvimento da aprendizagem estimulando a autonomia e confiança dos alunos durante as aulas propostas. As relações podem ser conquistadas durante a prática educativa, e, o aluno se torna receptivo nos relacionamentos interpessoais.

A autora enfatiza a teoria de Vygotsky que desenvolveu o conceito de "Zona de Desenvolvimento Proximal", (que é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial) da aprendizagem como “um processo social e interativo” (ALMEIDA, 2014).

Sabe-se que os alunos imitam atitudes dos professores, elas as observam, analisam e imitam muitas vezes os atos do professor, ou seja, o professor é uma referência, um espelho e exemplo a ser seguido pelo educando, diante disso o professor poderá influenciar tanto na maneira de aprender, quanto no modo de se ver como aluno, e, isso implica no seu comportamento e durante o processo da sua aprendizagem.

Numa tendência renovada progressista os métodos de ensino dão a ideia de aprender-fazendo, e sobre os relacionamentos entre professor e aluno, Luckesi, 1994, p. 59) enfatiza:

Não há lugar privilegiado para o professor, antes seu papel é auxiliar o desenvolvimento livre e espontâneo da criança [...] a disciplina surge de uma tomada de consciência dos limites da vida grupal [...] para se garantir um clima harmonioso dentro da sala de aula é indispensável um relacionamento positivo entre professores e alunos [...].

Neste contexto, os pressupostos de aprendizagem e as relações entre alunos e professores acontecem de forma harmoniosa e refletem positivamente na qualidade do trabalho docente. Professor e alunos estão são envolvidos no processo conforme Antunes (2014) afirma “[...] São personagens que merecem atenção especial e por isso as interações que se dão entre eles e outros indivíduos que fazem parte da escola são fatores condicionantes para efetivação da aprendizagem”. Para Freire (1996, p. 103).

O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico.

Numa abordagem humanista, o professor desenvolverá o seu próprio modo e repertório, assumindo a função de facilitador da aprendizagem, que dependerá

de como ele relaciona-se com o aluno. Desta maneira o educador deverá aceitar o seu educando como ele é e como ele se comporta, compreendendo também os sentimentos que o aluno possui e expressa. Portanto, essas ações são de caráter único do professor e de como ele estabelece essas relações com seus alunos e a partir dessas relações ele irá direcionar a suas aulas, indo de acordo com as ligações que ele cria no dia a dia em sua sala de aula. Para Mizukami (1986, p. 52):

O professor nesta abordagem, assume a função de facilitador da aprendizagem, e nesse clima de facilitador, o estudante entrará em contato com problemas vitais que tenham repercussão na sua existência. Daí o professor ser compreendido como facilitador da aprendizagem, devendo, para isso ser autêntico (aberto as suas experiências) e congruente, ou seja, integrado.

Diante dessa abordagem o educador deve priorizar seu autoconhecimento, compreendendo e conhecendo as suas ações, deve estar apto em sua melhor essência para facilitar este meio de comunicação de forma verdadeira e autêntica perante a sua turma em sala de aula.

O professor humanista deve entender que por muitas vezes ele irá aprender com o seu aluno, que está troca de conhecimentos é muito importante para todos e também será relevante ainda mais na sua docência e em suas práxis, estar de forma afetuosa e levar a afetuosidade para a sala de aula será mais harmonioso o ato de ensinar e, portanto, a aprendizagem será da mesma forma, que as inter-relações requeem, “[...] que o educador se imponha três condições básicas que ficaram conhecidas como a tríade Rogeriana "ter empatia, aceitar incondicionalmente o aluno e ser autêntico" (ALMEIDA, 2014, p. 08). A autora salienta que:

Para Rogers o papel do educador é buscar a motivação intrínseca do aluno: assim como a relação professor-aluno é um fator que pode levar o aluno a uma aprendizagem satisfatória, um ambiente em que as relações afetivas não são devidamente exploradas haverá, conseqüentemente, dificuldade de promoção da aprendizagem, pois a teoria humanista enfatiza as relações sociais para o desenvolvimento do indivíduo. Quando um aluno está sob pressão a sua capacidade de criação fica reduzida, enquanto que um aluno em um ambiente em que ele se sinta seguro e livre de críticas desnecessárias, o seu desempenho escolar é visivelmente mais produtivo.

Conforme Mizukami (1986, p. 77), “cabe ao professor evitar rotina, fixação de respostas, hábitos [...]”, deve propor sempre meios novos, criando rotinas, oportunidades, desafiando o aluno, fazendo com que este almeje novas conquistas em seu aprendizado, de forma autônoma de suas vontades, sendo um provocador de saberes para com a sua turma. Piaget (1974, p. 18) ressalta que:

Ora, é óbvio que o educador continua indispensável, a título de animador, para criar as situações e construir os dispositivos de partida suscetíveis de apresentar problemas úteis à criança e, em seguida, organizar contraexemplos que forçam a reflexão e obrigam o controle de soluções mais precoces: o que se deseja é o que o mestre deixe de ser apenas um oferecimento e estimule a pesquisa e esforço, em lugar de contentar-se em transmitir os problemas já solucionados (MIZUKAMI, 1986, p. 78).

Contudo numa tendência ou abordagem mais construtivista que é a tese da recriação do conhecimento que se contrapõe a posturas anteriores, propõe que o conhecimento não é nem um dado pronto da realidade externa e nem um dado “Priori” no sujeito, mas resultado de um processo permanente de interação, no qual os dois polos se imbricam, se modificam, qualificando-se mutuamente. As ações do sujeito constituem-se como pressupostos básicos nesse processo, em razão de que o “[...] conhecimento humano é construído nas relações do sujeito com a realidade. Esse processo é construído pelas interações estabelecidas entre o sujeito e o objeto do conhecimento, portanto entre o homem e o mundo” (MOLL, 1996, p. 84). Para Pinto (2014, p. 14-15):

Creio que a questão fundamental diante de que devemos estar educadoras e educadores, bastante lúcidos e cada vez mais competentes, é que nossas relações com os educandos são um dos caminhos de que dispomos para exercer nossa intervenção na realidade a curto e em longo prazo. Neste sentido e não só neste, mas em outros também, nossas relações com os educandos, exigindo nosso respeito a eles, demandam igualmente o nosso conhecimento das condições concretas de seu contexto, o qual os condiciona (PINTO, 2014, p.14-15).

Neste contexto, pode-se entender como uma tendência libertária, que nas inter-relações visam “transformar a relação professor aluno no sentido da não diretividade [...] embora professor e aluno sejam desiguais e diferentes, nada

impede que o professor se ponha a serviço do aluno sem impor concepções [...]”. (LUCKESI, 1994, p. 68).

Da mesma forma, a tendência crítico-social o conhecimento resulta de trocas que se estabelecem na interação entre o meio (natural, social e cultural) e o sujeito sendo o professor mediador, então a relação pedagógica consiste das condições em que professores e alunos possam colaborar para fazer progredir essas trocas. Luckesi (1994) recomenda que nestas interações “o papel do adulto é insubstituível, mas acentua-se também a participação do aluno no processo” Nessas instâncias numa perspectiva mediadora na sala de aula nos relacionamentos em conformidade com o citado autor “[...] a atenção do educador dentro da escola é o mundo afetivo da criança [...]” (Ibidem, p. 71). Contudo lembra que há “[...] situações de interesses, de motivações, atitude positiva para com a aprendizagem e as atividades desenvolvidas [...]” (Ibidem, p. 72).

Numa abordagem sociocultural, “a relação professor-aluno é horizontal e não imposta, para que o processo educacional seja real é necessário que o educador se torne educando, e o educando, por sua vez educador” (MIZUKAMI, 1876, p. 99). A autora menciona que “o diálogo é desenvolvido, ao mesmo tempo em que são oportunizadas a cooperação, a união, a organização, a solução em comum dos problemas. Os alunos participarão juntamente com o professor” (Ibidem, p. 99).

Os relacionamentos poderão ser percebidos na afetividade mútua, nas trocas entre alunos e professores, pois há todo um processo de equilíbrio entre ambos, que influencia o aprendizado. Numa sala de aula, considerando serem alunos que estão no processo de alfabetização, quando eles já vêm de um ambiente infantil carregado de cuidados, as emoções afloram no novo ambiente. Contudo, os educadores sentem-se muitas vezes pressionados para o ensino de conteúdos e com uma turma bastante numerosa, também estes estão sob o impacto de emoções e desafios.

Nas circunstâncias para uma aprendizagem significativa na interface com as inter-relações, pode-se considerar a aprendizagem como citado por Silva (2013, p. 1) “[...] um processo de mudança de comportamento obtido por meio da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais”. O impacto que se tem numa aprendizagem significativa precisa-se pensar nas

emoções que afloram no ambiente escolar que quando não trabalhadas se acentuam os conflitos. Para Silva (2013, p. 14):

A manifestação das emoções e dos afetos comumente é evidenciada por seus aspectos negativos, mas são características inatas do ser humano [...]. No entanto, no ambiente escolar eles são muitas vezes negligenciados, sendo que o processo cognitivo não está desvinculado do emocional.

Sob o viés da psicologia do desenvolvimento, atualmente já se definem os campos relacional a afetividade, as emoções afetivas que podem vincular-se a condutas mensuradas no desenvolvimento humano.

Por estas abordagens expostas, é possível entender-se que o saber também influência nas práticas pedagógicas dos professores e o modo como estabelecem as relações entre e com os alunos. Dependendo da abordagem pedagógica nas metodologias que correspondem ao processo de ensino, pode-se entender os modos como se processam as relações aluno-professor.

Deste modo, na sequência deste trabalho, o próximo capítulo traz a metodologia e os procedimentos utilizados neste estudo, para posterior análise dos dados coletados com professoras alfabetizadoras, sobre como se estabelecem as relações interpessoais entre alunos e professores e qual a importância em estabelecer essas relações para que se efetive os processos de ensino e aprendizagem em turmas que estão na fase da alfabetização.

4 METODOLOGIA E MÉTODOS: CAMINHOS INVESTIGATIVOS

4.1 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Ao abordar a alfabetização na perspectiva do letramento e as relações entre alunos e professores como intenção de pesquisa a partir de momentos presenciados por mim de conflitos e a falta de inteiração entre professores e alunos, portanto para os métodos e técnicas de pesquisa visou-se a ciência social ou pesquisa social segundo Gil (2008) e Minayo (2002), ao considerar que a educação parte da premissa de transformação social, e, que a escola tem este compromisso e responsabilidade.

A pesquisa de cunho qualitativo também inclui pesquisas bibliográficas de teorias, consultas em teses, dissertações, artigos, para poder compreender e refletir sobre as temáticas que envolvem os saberes docentes de professores alfabetizadores e a pesquisa de campo, que buscou embasar esses conhecimentos. Entende-se por metodologia, segundo Minayo (2002, p. 16), “[...] o caminho do pensamento, e a prática a ser exercida na abordagem da realidade”.

Na etapa da fase exploratória, busquei aproximações como saberes construídos e realidades que sustentam o estudo, que de acordo com Gil (2008, p. 46) se constitui “a primeira etapa de uma investigação mais ampla [...] com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. A busca de outros teóricos, autores, importantes na medida em que, são fases que, segundo Derlandes (1994, p. 31), “além de antecederem à construção de projetos, também a sucedem”.

A pesquisa exploratória, para Gil (2008), tem como o objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, envolvendo levantamentos bibliográficos, e, neste estudo, como categorizar os ordenamentos legais do ensino fundamental de nove Anos e os conceitos sobre alfabetização e letramento. Também foram efetivadas pesquisas de autores que já realizaram estudos sobre as relações interpessoais neste contexto.

Como método monográfico, optei pelo estudo de caso, que segundo Gil (2008, p. 37), “o método monográfico parte do princípio de que o estudo de um caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo

de todos os casos semelhantes”. Esses casos podem ser “indivíduos, instituições, grupos, comunidades etc”. Definição esta, que também é afirmada por Ludke e André (1986, p. 17) como sendo que “seja ele simples e específico”. [...], sendo que [...] O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular”.

4.2 OS PROCEDIMENTOS

Como instrumento para coleta dos dados foi elaborado um questionário semiestruturado no apêndice C, com questões abertas e fechadas. Foram enviados às participantes por e-mail detalhando os objetivos da pesquisa na carta de apresentação e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no sentido de estabelecer prerrogativas quando poderão optar pelo anonimato.

Um questionário semiestruturado é descrito, Marconi e Lakatos (2013, p. 201) definem questionário como sendo “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Nesta dinâmica, as entrevistas foram realizadas com duas professoras que já atuaram no 1º, 2º e 3º anos, concursadas da rede municipal de Glorinha, estado do Rio Grande do Sul.

4.3 SITUANDO A ESCOLA E AS PARTICIPANTES

A Escola Municipal de Ensino Fundamental está situada no município de Glorinha. A escola busca ser uma referência no município pela qualidade no atendimento ao educando, pelo acolhimento, pelo respeito às fases do desenvolvimento de cada criança, conforme o Projeto Político Pedagógico da escola. Além do ensino fundamental de nove anos (anos iniciais e finais) a referida instituição de ensino atende também as crianças que pertencem à Educação infantil: Pré-Escola.

Possui um grupo com mais de 30 profissionais, entre professoras, monitores, atendentes, diretor, vice-diretora, supervisora, orientadora, psicopedagogos, serventes e merendeiras. Atualmente, a instituição atende cerca de 560 alunos no

turno integral e parcial, sendo que até o nível dos anos iniciais os alunos são atendidos no contra turno com atividades.

Segue um quadro informativo de identificação das participantes da pesquisa. Para a seleção das participantes analisou-se quais professoras da escola eram docentes de turmas de anos iniciais, em conversa com a vice-diretora, a partir disso então iniciou-se o contato inicial via WhatsApp com quatro professoras, foi encaminhado questionário para cada uma delas, contudo, obteve-se somente a devolutiva de duas, portanto as questões respondidas foram as analisadas para a construção do presente trabalho.

Quadro 1: Identificação dos participantes.

| Identificação | Formação | Tempo atuação como professora | Como professora alfabetizadora | Turmas que já atuou |
|----------------------|--|--------------------------------------|---------------------------------------|----------------------------|
| Participante 1 | Magistério para anos iniciais do Ensino Fundamental. Licenciatura em Matemática. Especialização em ensino da Matemática. Especialização em supervisão e orientação escolar. Mestrado em Ensino de Ciências Exatas. | 19 anos. | 15 anos. | 1° e 3° anos |
| Participante 2 | Formação Pedagogia, Pós-Graduação em Orientação, Supervisão e Gestão; Neuropsicopedagogia. | 7 anos | 5 anos | 1°, 2° e 3° anos |

Fonte: Autora (2021).

5 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E AS INTERRELAÇÕES ENTRE ALUNOS E PROFESSORES: SOB VISÃO DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

Compreender as inter-relações entre professores e alunos na etapa da alfabetização do ensino fundamental de nove anos, e, a importância em estabelecer essas relações para que se efetive os processos de ensino e aprendizagem em turmas que estão na fase da alfabetização é a abordagem principal deste capítulo.

A partir de momentos vivenciados em sala de aula quando estava em um estágio não obrigatório, exercendo a função de auxiliar de turma de alfabetização, com vinte e dois alunos vivenciei cotidianamente momentos intensos de falta de interações.

Percebia que a professora alfabetizadora estava preocupada com o conteúdo necessário e também preocupava-se com o objetivo final do seu planejamento, mas contudo, algumas vezes o objetivo não era alcançado e isso de certa forma acabava desestruturando todo o seu ato de planejar. Neste contexto, os alunos tinham pouco interesse em realizar as atividades, pois como desanimados e agitados na sala de aula, acarretava em alguns momentos uma barreira entre a professora e alunos. Coll e Miras (2001) acreditam que:

A percepção dos alunos sobre seu professor condiciona em grande parte a interpretação deles de tudo aquilo que o docente diz e faz, podendo, em alguns casos, modificar o comportamento do professor na direção das expectativas associadas a essa percepção. O reverso também é verdadeiro, pois alunos podem modificar seu comportamento na direção da expectativa do professor (OSTI; BRENELLI, 2013).

Muitas vezes, pode ocorrer numa sala de aula que no relacionamento com as turmas se separe a dimensão cognitiva da afetiva, nestas circunstâncias, a aprendizagem poderá não ocorrer de forma positiva que são fatores que interferem tanto no processo do ensino do professor, quanto na aprendizagem do aluno. Silva (2013) traz a reflexão:

Na área educacional [...] é comum, ainda hoje, no ambiente escolar, que os educadores trabalhem o processo de aprendizagem dividindo a criança em duas metades: a cognitiva e a afetiva. É

importante afirmar que este é um dos maiores enganos existentes na maioria das propostas educacionais da atualidade. O trabalho nesses moldes faz com que a práxis pedagógica seja fria, desprovida de sentimento [...].

Diante dessas vivências iniciais, que neste ambiente não havia relacionamentos, vínculos afetivos, não havia uma escuta necessária para articular com todo o planejamento e docência necessária. Creio na hipótese que tinham dificuldades de diálogos e de inter-relações entre ambos. Pinto (2014, p. 13) sintetiza que:

Muitos acreditam que o processo de ensino-aprendizagem acontece de forma estática, onde de um lado está o mestre que ensina e do outro se encontra o aluno passivo e atento para aprender. Porém o processo de ensino-aprendizagem acontece de forma dinâmica. As relações que acontecem diariamente em sala de aula entre professor e alunos são ricas de informações e conhecimentos, onde todos aprendem através de seus atos, suas ideias.

Partindo das minhas inquietações sobre estas relações entre professor-aluno, analisei algumas questões respondidas pelas participantes que atuam nesta fase de escolarização, tentando compreender como estes relacionamentos se estabelecem sob a visão de professoras alfabetizadoras, suas práticas perante o ensino e a aprendizagem.

As participantes quando respondem a primeira questão sobre o que entendem por relações interpessoais entre alunos e professores, a participante (um) mencionou que “Trata-se da relação de empatia, necessária no processo de alfabetização”. A professora participante (dois) citou que:

Devemos buscar sempre um bom relacionamento com os alunos pois, onde conquistamos a confiança dos mesmos teremos a oportunidade ao diálogo e a trocas de experiências formando um espírito de equipe onde podemos dar apoio uns aos outros. Tendo acesso aos seus sentimentos e seus problemas poderemos, além de auxiliar na sua aprendizagem, saber muitas vezes o motivo das suas dificuldades, podendo assim ajudar no que for necessário (PARTICIPANTE 2, 2021).

A relação entre professor e aluno só é possível e dinâmica, quando “Todos pensam e decidem, participam e discutem, ambos ensinam e aprendem ao mesmo tempo” (PINTO, 2014, p. 14).

Diante de suas concepções as participantes ainda mencionam que “através do ouvir, do se colocar no lugar do outro e na troca de afetividade” (PARTICIPANTE 1, 2021). Além disso, “estando sempre abertos a novas experiências e ter um bom vínculo com seus alunos tanto educacional quanto sentimental” (PARTICIPANTE 2, 2021). Para Brolezzi (2014, p. 09):

A ideia é que comunicação empática resultará em maior compreensão e aceitação, por parte dos alunos, da atividade docente. Ou seja, há uma expectativa de que os alunos irão desenvolver atitudes mais positivas em relação a si mesmos e em relação à atividade escolar, se o professor foi empático” [...]. Sem a empatia dos alunos, apenas a empatia do professor não será suficiente [..].

Dando ênfase a empatia diante do professor em relação ao seu aluno para que se concretize a alfabetização, a professora mencionou a relação entre ambos. Empatia neste caso poderá servir para potencializar a visão sobre da relação entre os aspectos afetivos e cognitivos. Rogers e Rosenberg (1977, p. 42 apud BROLEZZI, 2014, p. 07) afirmam que “um alto grau de empatia talvez seja o fator mais relevante numa relação, sendo, sem dúvida, um dos fatores mais importantes na promoção de mudanças e de aprendizagem”. Quando o professor “demonstra que compreende o significado, para o aluno, das experiências em sala de aula, a aprendizagem melhora” (BROLEZZI, 2014, p. 08). Para Brolezzi (2014, p. 09-11):

A ideia é que comunicação empática resultará em maior compreensão e aceitação, por parte dos alunos, da atividade docente. Ou seja, há uma expectativa de que os alunos irão desenvolver atitudes mais positivas em relação a si mesmos e em relação à atividade escolar, se o professor foi empático” [...]. Sem a empatia dos alunos, apenas a empatia do professor não será suficiente [..].

Percebe-se também que nestas relações estabelecidas busca-se sempre um bom relacionamento para que se efetive a confiança, para que ocorram trocas de experiências que oportunizem acessos aos seus sentimentos para auxiliar na

sua aprendizagem. Para Pinto (2014, p. 11), “as relações interpessoais que acontecem de forma harmoniosa refletem positivamente na qualidade do trabalho docente”. E salienta ainda a autora:

Os sujeitos envolvidos nesse processo: professor e aluno são personagens que merecem atenção especial e por isso as interações que se dão entre eles e outros indivíduos que fazem parte da escola são fatores condicionantes para efetivação da aprendizagem. Sabe-se que o processo de aprendizagem é complexo e dinâmico e cabe ao professor, através de uma pedagogia que envolva o afeto, o trabalho em equipe e as relações interpessoais construir uma rotina que favoreça a aprendizagem (Ibidem, p. 12).

As relações interpessoais se estabelecem também por meio da fala e da escuta, do ouvir e da troca de afetividade, pode-se analisar também que todo ser humano precisa ter o seu momento para falar, colocar suas ideias, expressar suas opiniões e sentimentos. Nesses tempos de infância em que as crianças se encontram nesta etapa de escolarização, quando prestamos atenção e ouvimos sobre como elas se percebem é importante a escuta em suas múltiplas linguagens.

Estabelecer conexões com os alunos podem dar ao professor respostas extremamente significativas nas suas atividades, a afetividade pode ser a conexão mais correta a ser tratada durante as aulas. Verifica-se desse modo que para ocorrer a aprendizagem é necessário que se estabeleçam relações afetivas ligadas aos sentimentos, que, não se separa o afetivo do cognitivo. Para Leite e Gazoli (2012):

A afetividade e a alfabetização são assuntos intimamente ligados, uma vez que, por exemplo, quando o professor planeja uma aula ele está assumindo algumas decisões que terão inevitáveis consequências afetivas e cognitivas na relação que se estabelecerá entre o aluno e os conteúdos selecionados. Isso decorre do fato que eles (professor e aluno) possuem expectativas e irão ser provocadas reações (ARAÚJO, 2014, p. 20).

Salienta Araújo (2014, p. 21) que “no processo de aprendizagem o professor deve considerar o aluno em sua concretude e totalidade incluindo-se a compreensão das suas dimensões cognitiva-afetiva motora e social”.

Na sequência, indaga-se se frente às experiências, qual a importância em estabelecer essas relações para que se efetive o processo de ensino e aprendizagem das turmas que estão na fase da alfabetização, participante um responde que:

Por meio das relações interpessoais o aluno adquire confiança no professor, que por sua vez se coloca no lugar do aluno buscando estratégias de ensino que contemplem as suas necessidades de aprendizagem. (PARTICIPANTE 1, 2021).

Em conformidade com a importância dos relacionamentos a professora participante dois traz o pensamento que “É fundamental para o bom desenvolvimento dos alunos” (PARTICIPANTE 2, 2021). Neste sentido, de acordo com Severo (2015, p. 02): “as relações interpessoais no âmbito escolar são inúmeras, mas a relação dos professores para com seus alunos e vice-versa compõe o centro do processo educativo”. E salienta a autora: “os alunos e os professores têm interesses e intenções ao ensino e à aprendizagem, que estão interligadas e são dependentes uma da outra” (SEVERO, 2015, p. 03).

As participantes enquanto professoras alfabetizadoras destacam a importância em estabelecer relações, pois é por meio destas relações que o aluno vê no professor alguém que ele pode confiar, o professor, por sua vez, deve entender o seu aluno, estabelecer vínculos harmoniosos, para que assim consiga buscar estratégias de ensino que contemplem as necessidades de aprendizagem de cada um. Para Pinto (2014, p. 11):

As relações interpessoais que acontecem de forma harmoniosa refletem positivamente na qualidade do trabalho docente. Os sujeitos envolvidos nesse processo: professor e aluno são personagens que merecem atenção especial e por isso as interações que se dão entre eles e outros indivíduos que fazem parte da escola são fatores condicionantes para efetivação da aprendizagem. Sabe-se que o processo de aprendizagem é complexo e dinâmico e cabe ao professor, através de uma pedagogia que envolva o afeto, o trabalho em equipe e as relações interpessoais construir uma rotina que favoreça a aprendizagem.

Nessas interações a troca de experiências favorece o conhecimento. Em conformidade com Pinto (2014, p. 14), “assim percebemos como o papel das

relações interpessoais pode favorecer a aprendizagem através da troca de conhecimentos e da diversidade cultural existente nessas relações” [...].

Todavia, alguns fatores influenciam positivamente e negativamente nas relações interpessoais com os alunos que estão na etapa da alfabetização, a participante um desta pesquisa agrega no trabalho respondendo que “Acredito que a afetividade é um aspecto que contribui positivamente neste processo”, em relação a mesma questão a participante dois ressalta que:

Uma boa relação entre aluno e professor faz toda a diferença na alfabetização pois, ao aluno se sentir confortável diante do seu professor é estimulante para ele o tornando mais confiante e capaz de superar seus obstáculos (PARTICIPANTE 2, 2021).

Percebe-se na resposta da participante um que a afetividade e empatia são ações e movimentos, que durante o processo da aprendizagem, devem estar extremamente ligados nas ações docentes do professor, a afetividade durante o ato do desenvolvimento na fase da escolarização media a ação que o professor deve acreditar que o seu educando é capaz de assimilar todas as ferramentas de forma autônoma e interagir com o meio que está inserido. Miranda, (2008) concebe que “a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional” (SEVERO, 2015, p. 04). Então para Souza e Silva (2007, p. 3):

[...] A relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles [...]. (SEVERO, 2015, p. 4).

Criar um ambiente com uma convivência com respeito, harmonia e baseando a sua relação na afetividade de forma extremamente positiva traz para ambas as partes uma boa colaboração e irá mediar todo o processo da aprendizagem de cada aluno. Segundo Freire (1996), “ensinar exige querer bem o aluno, não significa que o professor é obrigado a ter o mesmo sentimento por todos os alunos, significa que o educador deve ter afetividade pelo aluno sem medo de expressá-la”.

Muitas vezes, os professores tem dificuldades em estabelecer as relações com os alunos. Para Vasconcelos (2005, p. 3), "as dificuldades afetivas provocam desadaptações sociais e escolares, bem como perturbações no comportamento, o cuidado com a educação afetiva deve caminhar com a educação intelectual". Então, saber dialogar e conseqüentemente ter afetividade na relação professor-aluno pode ser a chave do sucesso dessa interação (SEVERO, 2015, p. 5).

Todavia, sobre problemas ou dificuldades de relacionamentos com seus alunos, as participantes da pesquisa respondem que acreditam que não tiveram problemas de relacionamentos, no entanto, mencionaram que "acredito que com a pandemia e as aulas virtuais houve o afastamento presencial entre os alunos, dificultando as relações interpessoais entre os alunos!" (PARTICIPANTE 1, 2021). E para a participante (2): "sempre procuro compreender os meus alunos e ser amiga deles estando presente em cada dificuldade e ajudando-os a superá-las" (PARTICIPANTE 2, 2021).

O fator pandêmico neste atual momento poderá sim causar fatores negativos nos relacionamentos entre alunos e professores que se encontram afastados das aulas presenciais. As dificuldades de não se ter um encontro presencial com o professor e o professor com seu aluno na etapa da alfabetização torna-se um problema nas suas relações interpessoais, em decorrência do isolamento social. Para Severo (2015, p. 7) "um dos lados mais importantes do processo educativo é o professor. Este tem seu papel e importância no êxito da sua relação com seus alunos e no processo de ensino e aprendizagem". Segundo Pinto (2014, p. 14): "através da relação professor-aluno ele pode projetar nos alunos uma visão positiva de seu potencial, confiando na capacidade dos educandos levando em conta a dignidade dos alunos enquanto seres humanos".

Nas suas estratégias, as professoras alfabetizadoras que favoreçam ensino e a aprendizagem usadas no cotidiano para que ocorram interações, percebe-se a compreensão de estratégias diferenciadas entre uma turma heterogênea, com aulas dinâmicas trocando experiências, conforme citam:

Ensino e aprendizagem são processos diferentes. Nem sempre quando se ensina há aprendizagem, então é muito importante o que o professor diversifique as estratégias de ensino com o objetivo de mobilizar as estratégias de aprendizagem dos alunos, levando em consideração que as pessoas aprendem de modos diferentes umas

das outras. Logo, em uma turma é possível que cada aluno tenha uma estratégia de aprendizagem diferenciada dos demais (PARTICIPANTE 1, 2021).

Procuro fazer minhas aulas sempre bem dinâmicas e atrativas para que possamos sempre estar interagindo e trocando experiências que possam acrescentar no nosso grupo escolar (PARTICIPANTE 2, 2021).

Pinto (2014, p. 14) menciona que “a aprendizagem implica normalmente uma interação do aluno com o meio, captar e processar estímulos vindo do exterior que foram selecionados, planejados e sequenciados pelo professor”. E ressalta a autora “a troca de experiência e informação favorece o conhecimento, possibilitando aos alunos não só a apropriação do conhecimento cultural, mas também sua análise sobre o meio e a consciência de seu papel como ser humano transformador”.

Neste sentido, quando solicitadas em contribuir com mais informações, sobre o tema, além das perguntas formuladas, participante dois acrescentou que “Sempre que conseguimos acompanhar os alunos, respeitar as suas diferenças e ter um bom relacionamento estamos favorecendo a aprendizagem e o desenvolvimento integral de cada aluno” (PARTICIPANTE 2, 2021). Nesta relação de aprendizagens valorizando as diferenças é estar aberto a uma turma que não é homogênea, e ter um bom relacionamento favorecem a aprendizagem, experiências onde todos participam e todos aprendem uns com os outros, o que poderá ser extremamente significativo para todos, uma vez que neste processo as aproximações entre professor e aluno acontecem de forma que as concepções de aprendizagem se vinculam cada vez mais.

Quando o professor atua como facilitador no processo de aprendizagem. Gerar um ambiente favorável para os alunos trás para todos resultados extremamente positivos uma vez que o aluno acaba se sentindo mais confortável e confiante na presença do professor o mesmo acaba mais participativo nas atividades propostas, concretizando assim uma educação conjunta com todos construindo seus saberes. O professor por sua vez com essas ações deve saber os seus princípios e conhece-los mediante as suas práxis pedagógicas, desta forma ser reflexivo e ter um olhar atento ao ambiente escolar agregará na sua docência. Este pensamento leva ao que Freire (1995, p. 79) cita:

Creio que a questão fundamental diante de que devemos estar educadoras e educadores, bastante lúcidos e cada vez mais competentes, é que nossas relações com os educandos são um dos caminhos de que dispomos para exercer nossa intervenção na realidade a curto e em longo prazo. Neste sentido e não só neste, mas em outros também, nossas relações com os educandos, exigindo nosso respeito a eles, demandam igualmente o nosso conhecimento das condições concretas de seu contexto, o qual os condiciona (PINTO, 2014, p.15-16).

Diante disso, as relações interpessoais são fatores importantes entre o ensino e a aprendizagem, uma vez que o educando por sua vez se torna o autor do seu processo de apropriação de saberes, portanto quando o professor estabelece uma conexão de empatia, afetividade construindo uma relação positiva o mesmo aproxima-se do seu aluno cada vez mais, rompendo as barreiras que muitas vezes este encontra em sua jornada docente.

Os relatos das participantes são bem importantes, entende-se da necessidade de utilizarmos meios diversos de ensino, respeitando cada educando e cada fase que ele desenvolve, criando um cenário novo, diversificando as suas metodologias, sugerindo coisas diversas, não deixando a rotina ficar presente em sua docência, estar atento as estas estratégias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se neste trabalho que para além de alfabetizar e letrar nesta etapa onde o educando faz o uso de métodos para desenvolver a competência de ler e escrever para fins de escolarização, faz-se necessário estabelecer relações interpessoais, vínculos afetivos positivos, ter empatia e afetividade nos relacionamentos entre professores e alunos.

Considera-se a importância de criar estes vínculos e o quanto a sua influência tem destaque fundamental para que se efetive a aprendizagem de conteúdos necessários é fundamental, pois ao analisar a relação professor-aluno, estes relacionamentos sob a visão das professoras pesquisadas devem estar presentes no cotidiano da sala de aula em toda sua ação pedagógica.

Nesta pesquisa com as professoras verificou-se em seus relatos que elas consideram a importância das relações positivas com seus alunos, e que, estabelecendo vínculos afetivos para que ocorram a aprendizagem, é preciso dinâmicas positivas de aproximações, criando um ambiente de uma convivência com respeito, uma convivência harmoniosa.

De modo geral notou-se que as professoras participantes tentam promover um bom relacionamento com os alunos, considerando cada uma em suas especificidades, contrário às minhas experiências vividas durante um ano letivo que vivenciei alguns momentos em sala de aula situações de falta de interações entre alunos e professora, que pode ter sido um caso que somente estava se apresentando naquele momento e naquele ambiente específico.

Compreendi neste estudo que, as relações interpessoais baseadas na afetividade são um dos principais fatores que o educador deve trazer para a sua metodologia de ensino, e nestas circunstâncias depende muito qual tendência ou abordagem os professores elas se apropriam que são os alicerces da prática pedagógica.

Constatou-se também que para as professoras alfabetizadoras consideram que, na ação pedagógica é preciso ir além do alfabetizar e letrar, o ato educativo é visto como algo que deve ser realizado junto com os alunos, colocando-se no lugar dele, respeitando as suas vivências, suas singularidades, suas inquietações, dispondo de meios agregadores para estimular o olhar deles para aprendizagem.

Pensando na dinâmica da sala de aula, as vivências em estabelecer vínculos positivos com os alunos que estão na fase da alfabetização, reconhece-se que são dimensões inseparáveis e indissociáveis na construção do conhecimento.

Somadas a estas compreensões, considero a importância em estabelecer essas relações em sala de aula, e que, o educador não deve ser o centro da sala de aula, e que na alfabetização e letramento são processos que estão em constante construção a todo momento, e, quanto mais as relações entre alunos e professores forem estabelecidas de modo positivo, mais os tornará sujeitos aptos para novos saberes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcela Bandeira De Mello. **A relação Professor-Aluno no Contexto da Psicologia Educacional**. 2014. Disponível em:

https://www.pedagogia.com.br/artigos/relacao_professor_aluno/. Acesso em: 23 abr. 2021.

ARAÚJO, Ágnes Alves. **Relação da Afetividade Professor-Aluno no contexto da Alfabetização**. Monografia [Graduação em Pedagogia] – Universidade de Brasília, 2014.

BRAIDA, Mônica. **Como preparar o seu filho para o início do Ensino Fundamental?** Rede de ensino APOGEU. 2020. Disponível em:

<http://www.colegioapogeu.com.br/noticias/como-preparar-o-seu-filho-para-o-inicio-do-ensino-fundamental>. Acesso em: 06 abr. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** (CF-1988). Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Página.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em: 10 out. 2018.

BRASIL. Ministério de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 11/2010**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6324-pceb011-10&category_slug=agosto-2010-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 02 maio 2021.

BRASIL. Ministério de Educação. **RESOLUÇÃO Nº 7, DE 14 DE DEZEMBRO DE 2010**. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Brasília, DF: 2010. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7251-resolucao-7-ef-1&category_slug=dezembro-2010-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 27 abr. 2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. MEC/SEB /CNE/CEB. Brasília, 2013.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm Acesso em: 3 fev. 2020.

BRASIL. Ministério de Educação (MEC). **Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017**. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica. Brasília, 2017. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/RESOLUCAOCNE_CP22_2DEDEZEMBRODE2017.pdf Acesso em 11 fev. 2020.

BROLEZZI, Antonio Carlos. Empatia na relação aluno/professor/conhecimento. **REVISTA DE PSICOLOGIA**. V. 17, Nº. 27, 2014. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~brolezzi/publicacoes/empatia.pdf> Acesso em: 03 maio 2021.

CAMPOS, Carmen Regina de; GODOY, Miriam Adalgisa Bedim. **Relações interpessoais: um desafio para o gestor escolar**. In: XI Congresso Nacional de Educação- EDUCERE. 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7595_4541.pdf Acesso em: 07 maio 2021.

CASTAGNOLI, Janine do Rocio Ferreira. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor (PDE)** Produções Didático-Pedagógicas. Versão. Cadernos PDE, vol. II, 2014.

VASCONCELOS, A. A. et al. A presença do diálogo na relação professor-aluno. 2005. *IN*: SEVERO, Lara Sady. **Relação professor-aluno: o que pensam professores e alunos?** Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Ciências Naturais). Faculdade UnB Planaltina. Planaltina - DF Novembro 2015.

ELIAS, Gizele G. Parreira; VERAS, Mariana Oliveira. Psicologia escolar: abrindo espaço para a fala, a escuta e o desenvolvimento interpessoal. **Rev. abordagem gestalt**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 182-189, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 maio 2021.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à prática educativa. 22º ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra. 1996. *IN*: PINTO, Maria de Fátima Roque. **Relações interpessoais e a aprendizagem** monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista. – Itaporanga- PB, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: 6ª Ed. Atlas, 2008.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; GAZOLI, Daniela Gobbo Donadon. Afetividade no processo de alfabetização de jovens e adultos. EJA em Debate. Vol. 1, n. 1 nov. 2012. *IN*: ARAÚJO, Ágnes Alves. **Relação da Afetividade Professor-Aluno no contexto da Alfabetização**. Monografia [Graduação em Pedagogia] – Universidade de Brasília, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. Coleção magistério 2º grau- Série Formação do professor.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Sueli Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social teoria, método e criatividade**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MIRANDA, E. D. S. A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino aprendizagem no contexto afetividade. 2008. p. 1-6. *IN*: SEVERO, Lara Sady. **Relação professor-aluno: o que pensam professores e alunos?** Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Ciências Naturais). Faculdade UnB Planaltina. Planaltina - DF Novembro 2015.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. EPU São Paulo 1986.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização Possível: Reinventando o Ensinar e o Aprender**. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 1996.

OSTI, Andréia; BRENELLI, Rosely Palermo. Análise comparativa das relações entre ensino e aprendizagem por professores e alunos. **Psicol. Esc. Educ.** v.17 n. 1. Maringá, 2013 (Online).

PERUZZO, Daiane Lando; SIQUEIRA, Angélica; ALBERICI, Sonia Marta. Relações interpessoais entre alunos e professores em uma escola estadual de VARGEÃO (SC). **Interfaces Científicas - Educação • Aracaju**. v.6, n.2, p. 61-70. 2018.

PINTO, Maria de Fátima Roque. **Relações interpessoais e a aprendizagem** monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista. – Itaporanga- PB, 2014.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERO, Lara Sady. **Relação professor-aluno: o que pensam professores e alunos?** Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Ciências Naturais). Faculdade UnB Planaltina. Planaltina - DF Novembro 2015.

SILVA, Nelma Albino da. **A importância da afetividade na relação professor-aluno**. Brasil, 2013, 44f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização**. Parte de palestra proferida na FAE UFMG, em 26/05/2003, na programação “Sexta na Pós”. Transcrição e edição de José Miguel Teixeira de Carvalho e Graça Paulino. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/programa_aceleracao_es_tudos/reivencao_alfabetizacao.pdf Acesso em: 29 maio 2021.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, n° 25, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo. Contexto, 2017.

SOTERO, Naiara de Araújo. NASCIMENTO Maria Luzirene Oliveira do. **Saberes experienciais e curriculares**: Refletindo a Formação e a Práxis do professor das séries iniciais do ensino fundamental Universidade Federal do Piauí. Disponível em: www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2012/ Acesso em: 20 mar. 2021.

SOUSA, E; SILVA, P. A Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem. Revista Espaço Sophia n. 07, 2007. *IN*: SEVERO, Lara Sady. **Relação professor-aluno: o que pensam professores e alunos?** Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Ciências Naturais). Faculdade UnB Planaltina. Planaltina - DF Novembro 2015.

APÊNDICE A- CARTA DE APRESENTAÇÃO

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Senhor (a) Diretor (a) e/ou Coordenador (a)

Venho por meio de esta carta apresentar a acadêmica **Michele Monique Moraes da Silva**, regularmente matriculada no Curso de Graduação em Pedagogia-Licenciatura, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul na Unidade Litoral Norte- Osório/RS.

A referida acadêmica necessita realizar sua pesquisa de campo, para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito parcial para obtenção do título de “Licenciada em Pedagogia”, estudo este, que está sob a minha orientação. O referido trabalho tem como objetivo compreender como se estabelecem as relações interpessoais de professores alfabetizadores frente aos alunos que estão na fase da alfabetização, investigando o que os professores pensam, suas concepções a respeito desses relacionamentos em sala de aula, e a sua importância e influência no processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, convido os professores que atuam no 1º e 2º ano, do Ensino Fundamental de Nove Anos, para contribuir com a referida pesquisa, que será relevante para seu trabalho e ampliar seus conhecimentos como futura docente. Saliento que, o nome da escola somente será divulgado com vossa autorização, e, que os dados serão utilizados em atividades de natureza acadêmico-científica, assegurando a preservação da identidade das (os) participantes. Ressalto que, as (os) possíveis participantes receberão um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Antecipadamente, agradeço sua disponibilidade em colaborar com esta atividade formativa, e me coloco à disposição para esclarecimentos, pelo fone/WhatsApp: (51) 99631-6657.

Cordiais saudações.

Profa. Ma. Dolores Schussler –
Curso de Pedagogia- Licenciatura
Uergs-Litoral Norte
lattes.cnpq.br/276505955048280

Osório (RS), fevereiro de 2021.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante,

Por meio do presente “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” você está sendo convidada (o) pela pesquisadora Michele Monique Moraes da Silva, acadêmica regular do Curso de Graduação em Pedagogia –Licenciatura, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, Unidade Universitária Litoral Norte, a participar da pesquisa para o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O referido trabalho, está sob a orientação da Profa. Ma. Dolores Schussler. O tema do estudo traz no objetivo da pesquisa, “compreender como se estabelecem as relações interpessoais de professores alfabetizadores frente aos alunos que estão na fase da alfabetização, investigando o que os professores pensam, suas concepções a respeito desses relacionamentos em sala de aula, e a sua importância e influência no processo de ensino e aprendizagem”.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador. No aceite em participar deste estudo você preencherá um questionário semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas. Os dados levantados que serão por você informados nesta pesquisa estarão sob sigilo ético, não sendo mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto, sua colaboração é muito importante, para obter melhores resultados ao levantamento dos dados da pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo, o pesquisador compromete-se a esclarecer quaisquer dúvidas ou questionamentos que eventualmente poderão surgir, pelo fone (51) 9999-1475. Declaro que fui informado (a) de todos os aspectos e objetivos do estudo da pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas, concordo que as informações obtidas relacionadas à minha pessoa poderão ser utilizadas em atividades de natureza acadêmico-científica, desde que assegurada a preservação de minha identidade. Deste modo, declaro que concordo em participar desse estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nome da (o) participante

Assinatura da (o) participante

Assinatura do pesquisador

Osório (RS) _____/_____/2021

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PARTICIPANTE

LEVANTAMENTO DE DADOS

Prezado (a) participante,

Conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em anexo, que delimita o tema e o objetivo da pesquisa, elaboramos um questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas. Sinta-se à vontade para responde-las. Ficamos muito gratas por contribuir com a pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Informações Profissionais

- a) Sua formação Profissional e formações complementares.
- b) Tempo de atuação como professor (a).
- c) Tempo de atuação como professor (a) alfabetizador (a).
- d) Quais turmas da etapa da alfabetização já atuaste.
- e) Atualmente, exerces a função em quais turmas, e quantos alunos estão na sua turma?

Questionário:

- 1- O que você entende por relações interpessoais entre alunos e professores?
- 2- Na sua concepção, como se estabelecem as relações interpessoais entre alunos e professores?
- 3- Pela sua experiência até então, qual a importância em estabelecer essas relações para que se efetive o processo de ensino e aprendizagem das turmas que estão na fase da alfabetização?
- 4- Podes citar alguns dos fatores que influenciam positivamente e negativamente nas relações interpessoais com os alunos que estão na etapa da alfabetização?

- 5- Nesta sua compreensão você encontra problemas ou dificuldades de relacionamentos com seus alunos? () sim (x) Não () em parte
Por que e quais? Podes citar exemplos.
- 6- Que estratégias você usa no cotidiano, para que ocorram as interações de forma que consigas nas práticas, que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem?
- 7- Existem teorias ou abordagens que utiliza, para estes procedimentos? Podes citar algumas.
- 8- Se puderes contribuir com mais informações, sobre o tema, além das perguntas formuladas, ficaremos muito gratas. Fique à vontade e podes usar mais espaço se necessário.